

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS ESEFFEGO
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ÁCKISA MAYRA SANTANA MENDONÇA

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR
NA INICIAÇÃO OU CONTINUIDADE DA PRÁTICA PARA ALÉM DO
AMBIENTE ESCOLAR.**

GOIÂNIA

2022

ÁCKISA MAYRA SANTANA MENDONÇA

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR
NA INICIAÇÃO OU CONTINUIDADE DA PRÁTICA PARA ALÉM DO
AMBIENTE ESCOLAR.**

Trabalho de monografia apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação Física, pela Universidade Estadual de Goiás, sob orientação do Professor Dr. Ademar Azevedo Soares Júnior.

GOIÂNIA

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS ESEFFEGO
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

ÁCKISA MAYRA SANTANA MENDONÇA

A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR NA
INICIAÇÃO OU CONTINUIDADE DA PRÁTICA PARA ALÉM DO AMBIENTE
ESCOLAR.

Trabalho de monografia apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação Física, pela Universidade Estadual de Goiás.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. Ademar Azevedo Soares Júnior - UEG

Prof. Dr. Luiz Delmar - UEG

Profa. Dra. Samanta Garcia de Souza - UEG

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, seu Luquinha (in memorian) e dona Zinha, vocês conseguiram, fizeram o melhor por mim e hoje eu só quero retribuir, vocês são meu alicerce. À minha irmã, Lorena, sua dedicação comigo me inspira. Ao meu namorado, Thamer, seu apoio diário me deu força pra continuar e me mostrou que eu posso, quando nem eu mesmo acreditava. À Deus, não seria nada sem Você. Vocês são meu tudo! E dedico a mim também: Áckisa, você é incrível!

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de começar agradecendo primeiramente à Deus, que é meu tudo e sem Ele eu não seria nada! Ele me lembra todos os dias que nunca me deixou, que cada palavra Ele vai cumprir, que Seus planos são maiores e melhores que os meus e eu só tenho que entregar e saber que Ele é quem cuida de tudo!

Agradecer aos meus pais, Lucas Mendonça Batista (in Memoriam) e Clésia Maria Santana Mendonça, e minha irmã, Lorena Mayara Santana Mendonça. Não existem palavras no mundo que possam explicar ou mensurar meu amor e minha gratidão por vocês. Se eu sou o que sou é porquê vocês me ajudaram a chegar até aqui. Me deram força, me auxiliaram, me ajudaram quando eu estava com depressão, seguraram minha mão e me abraçaram nas crises de ansiedade, me fizeram enxergar o que eu realmente sou e a força que possuo. Meu pai faleceu em 2016 e, desde então, somos a casa das três mulheres, juntas, unidas, fortes, nos apoiando, nos mantendo firmes nesse mundo louco. Hoje meu pai não está conosco pra ver as filhas se graduando em Direito e Educação Física, mas sei que ele sente que cumpriu seu dever e hoje descansa em paz nos braços do Senhor. Meus amores, somos abençoadas por termos a nós e eu sou infinitamente mais abençoada pela vida de vocês. Somos imbatíveis juntas! Contem comigo sempre.

Thamer Antunes, meu amor, eu não poderia terminar esse trabalho, esse curso, sem te agradecer. Desde que você entrou na minha vida, me sinto mais segura, me sinto em paz, me sinto forte, me sinto transbordar. Você trouxe de volta a menina que eu era antes de perder meu pai. Acho que até quem nos vê de longe sabe que nossas almas se completam. Quem vê de perto tem certeza. Trouxe pra mim tanta coisa boa, me fez enxergar melhor a vida, me faz leva-la com mais leveza, me equilibra, me faz querer ser a melhor versão de mim mesma. Obrigada por ter arrumado minha bagunça e me fortalecido nos momentos de fraqueza. Saiba que eu sempre serei grata por tudo que você proporciona a mim, desde o dia que nos conhecemos e para sempre!

Aos meus amigos da “facul”, e aqui me sinto na obrigação de citar nomes: Carlos, Eisen, João Vitor, Will, Maycon Douglas e Mendes, acho que eu não aguentaria aquele hospício sem a loucura de vocês! Obrigada por todos os momentos de descontração, por me ajudarem a acreditar que eu era capaz de fazer tudo o que fiz, por serem verdadeiros amigos que apoiam em todo momento. Eu não sou boa pra expressar, mas amo vocês, meus meninos!

Ao meu orientador, professor Ademar, obrigada pela paciência e pelas orientações. Obrigada por acreditar que esse projeto era possível e embarcar comigo nessa viagem! Aos pareceristas, professor Duda e professora Samanta, vocês são parte essencial desse projeto. Obrigada por me ajudarem nessa empreitada!

A todos os meus professores que fizeram parte dessa trajetória, aqui nesse projeto tem um pedacinho de cada um de vocês. Serão pra sempre lembrados!

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram esse sonho se tornar possível. A menina técnico em Mecatrônica, quase engenheira mecânica, quis mudar de repente e fazer Educação Física. Ela chegou. Ela realizou. Aqui eu finalmente me torno professora!

Gratidão!

EPÍGRAFE

“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar.”

Josué 1:9.

RESUMO

Este estudo é uma forma de verificação sobre como a Educação Física como componente curricular na escola pode ser vista e interpretada quando levada para além do ambiente escolar. Com o aumento da quantidade de jovens e adultos sedentários, o risco de mortes por diabetes, hipertensão e obesidade, por causa do sedentarismo, aumentou exponencialmente nos últimos anos e, atualmente, a Educação Física se encontra em um momento importante e relevante. Elencamos e discutimos com alguns autores que tratam do tema “Educação Física e Saúde” e fizemos uma pesquisa aberta para a comunidade como forma de vincular também o senso comum sobre a importância da disciplina na escola e além dela. Os resultados encontrados ilustraram como a Educação Física pode ser um instrumento na área da saúde dentro e fora da escola, porém, esse caminho ainda é longo e faz-se necessário a busca com um passo de cada vez para a ascensão e melhora da visão da Educação Física na sociedade.

Palavras-chave: educação física; ambiente escolar; sedentarismo; sociedade; atividade física.

ABSTRACT

This study is a way of verifying how Physical Education as a curricular component at school can be seen and interpreted when taken beyond the school environment. With the increase in the number of sedentary young people and adults, the risk of deaths from diabetes, hypertension and obesity, due to a sedentary lifestyle, has increased exponentially in recent years and, currently, Physical Education is at an important and relevant moment. We list and discuss with some authors that deal with the theme "Physical Education and Health" and we did a survey open to the community as a way to also link common sense about the importance of discipline in school and beyond. The results found illustrated how Physical Education can be an instrument in the area of health inside and outside the school, however, this path is still long and it is necessary to search with one step at a time for the ascension and improvement of the vision of the Physical Education in society.

Keywords: physical education; school; sedentary lifestyle; society; physical activity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO FÍSICA, CURRÍCULO E MODERNIDADE.....	12
CAPÍTULO II: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	17
CAPÍTULO III: PESQUISA DADOS GRÁFICOS E ANÁLISE.....	19
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo apareceu em um momento de reflexão no 1º período do Curso desta formação – Educação Física, quando via estudantes do próprio curso, recusar a realizar certas práticas corporais por não terem afinidade com elas ou nem mesmo gostarem de realizá-las. O questionamento de “por qual motivo essas pessoas escolheram a Educação Física e sequer querem experimentá-la enquanto futuros profissionais de Educação Física?”. Ora, se nem mesmo os próprios estudantes querem, por que a população no geral vai querer? As observações se seguiram durante todos os períodos seguintes.

Outra situação alarmante é quanto ao aumento da população sedentária no mundo todo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) indica que a quantidade ideal de prática de atividade física moderada para crianças e adolescentes seja de 300 minutos por semana, ou 60 minutos ao dia por 5 vezes na semana. Trazendo para o Brasil, encontramos o dado que 83% dos jovens brasileiros são sedentários.

A questão é que a partir da 1ª fase do ensino fundamental, existe a obrigatoriedade de aulas de Educação Física pelo menos uma vez na semana nas escolas. A partir disto, supomos que as crianças são expostas, ano após ano, a algumas modalidades desportivas e práticas corporais no ambiente escolar. Desta forma, qual seria o motivo para que o índice de sedentarismo seja tão alto no país? Por que a prática de atividade física dos escolares é tão baixa, uma vez que há a apresentação de práticas corporais recorrente na escola? O que os profissionais de Educação Física podem fazer para alterar essa situação? Como a Educação Física pode ajudar na promoção da saúde, na formação de hábitos desde a infância? Foram essas questões que intrigam essa investigação.

Como dito anteriormente com a apresentação dos dados da OMS, o aumento do sedentarismo e a inatividade física, encontramos pouquíssimos adeptos de atividades físicas no cotidiano. Até mesmo dentro da escola, nem todos os estudantes participam das atividades propostas, que pode ser por falta de estímulo, falta de hábito, falta de habilidade, entre outras coisas. Atualmente a Educação Física é muito preterida em todas as faixas etárias e a ausência de hábitos saudáveis desde a infância transforma os indivíduos em adultos sem proatividade, desanimados, com alto índice de insones, aumenta das doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), entre outras situações. Essa é a relevância social deste estudo, pois é importante

que a sociedade veja a Educação Física com outros olhos desde a fase escolar, enquanto crianças e adolescentes, para a alteração desse quadro.

Quanto a relevância científica, é possível encontrar fontes que debatem sobre a Educação Física dentro e fora do ambiente escolar, mas a sua maioria não estão interligados. A lacuna gerada foi a instigação necessária para realizar o diálogo entre essas fontes e responder questões levantadas como forma de contribuição e complementação dos trabalhos já feitos nessa área.

Neste contexto, o objetivo central do estudo é investigar os principais motivos pela escolha da formação em Educação Física e relacionar com fatores de limitação ou recusas na vivência e experiências com as práticas inerentes a este campo – formação em Educação Física.

CAPÍTULO I

Educação Física, Currículo e Modernidade.

Os níveis de atividade física no Brasil e no mundo são vistos como baixos, dado alarmante, pois propicia um declínio de saúde de sua população, uma vez que o sedentarismo, inatividade e a hipomobilidade, pode desencadear doenças crônicas e não transmissíveis, negativas a condição humana. Neste contexto, analisando a conjuntura atual, a situação pandêmica, devido ao Sars-Cov-2, também conhecida como a COVID-19, declarada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), exponenciou o índice de sedentarismo na população mundial em meados das primeiras decisões de *lockdown*, fechamento total de atividade econômicas, o conhecido hoje no Brasil como o “fica em casa”. Em 2021, isso mudou um pouco. Após pesquisas, reconheceu-se a necessidade da atividade física na vida da população mundial, tornando a prática de atividade física um serviço essencial para o combate à COVID-19. Isso exponenciou o trabalho dos profissionais de Educação Física.

Os níveis de atividade física no geral tiveram uma crescente, principalmente em ambientes abertos, como parques e praças, e principalmente exercício físico nas próprias casas. Porém, a realidade ainda está longe de ser a ideal, especialmente para os escolares entre 11 e 17 anos. A nível de Brasil, com o fechamento das escolas e aulas à distância, os adolescentes dessa faixa-etária encontram-se ainda mais sedentários, uma vez que a maior parte da atividade física dos mesmos era na escola, presencialmente.

Essa preocupação com a inatividade física não é uma preocupação recente. Estudos epidemiológicos vem sendo feitos há anos e eclodiu de forma ainda mais forte na década de 60. Para contextualizar, Garcia e Florindo (2014, p. 181) diz que, “a epidemiologia pode ser conceituada como o estudo da ocorrência, da distribuição e dos fatores determinantes dos eventos relacionados com a saúde em populações.” Ainda segundo esses autores, a epidemiologia tem por objetivo estudar os fatores determinantes da atividade física, bem como analisar a relação de atividade física e outros eventos da saúde e evidenciar as formas de promoção da saúde para uma população com estilo de vida mais ativo (GARCIA e FLORINDO, 2014). Essa preocupação se estende para além dos adultos e chega até as faixas-etárias mais baixas.

De acordo com Hallal et al (2007), isso só ocorreu por conta do aumento de casos de doenças crônicas que está diretamente relacionado ao sedentarismo e aos perfis de morbimortalidade, pois grande parte da população não atinge a marca que a OMS julga necessária para a prática de atividade física. É importante citar que, ainda segundo esse autor, em nenhum outro momento a atividade física esteve em tantas pautas e discussões na agenda da saúde pública. Inclusive, encontramos uma relação entre a inserção da Educação Física (BRASIL, 1997), através de uma Resolução, que reconhece as categorias profissionais consideradas como profissionais de saúde de nível superior, incluindo esta formação. Validando desta forma a Educação Física como componente da área da saúde, propiciando o aumento de estudos e produções científicas voltadas para a área da atividade física.

Segundo dados de 2019 da OMS, cerca de 84% dos jovens entre 11 e 17 anos são sedentários no Brasil. Isso significa que de 10 pessoas nessa faixa etária, encontramos apenas 2 indivíduos fisicamente ativos. Mendonca et al. (2014) traz à tona uma pesquisa no Nordeste do Brasil, mais precisamente no estado da Paraíba, que constata esses dados. De acordo com a pesquisa, as crianças e adolescentes na faixa-etária entre 10 e 14 anos passavam cerca de 7 horas por dia do seu tempo em comportamento sedentário, podendo chegar a mais de 8 horas por dia, o que influi em mais de 50% do tempo ativo, ou seja, o tempo que o adolescente está acordado. Esse padrão poderia ser apenas por conta de o Brasil ser um país subdesenvolvido e com poucas propostas voltadas à saúde e ao lazer, porém, a mesma pesquisa informa que esse comportamento também foi encontrado em adolescentes belgas e australianos. Isso significa que é um comportamento globalizado e não há dados suficientes que informe que a condição socioeconômica do indivíduo condiciona ao sedentarismo e que pode afetar todas as classes.

Pouco se fala na importância da criação de hábitos enquanto se é uma criança/adolescente. Porém, na Educação Física, esse assunto precisa ser debatido e colocado em prática. O adulto é o espelho do que ele foi quando criança, ou seja, a rotina, o comportamento, os hábitos dos adultos são construídos enquanto crianças. Hábitos construídos nas primeiras fases até a adolescência tendem a permanecer na fase adulta (Bento et al. 2017, p. 13-14) e a atividade física é um deles. Ainda segundo Bento et al. (2017), as influências de pais, amigos e pessoas do círculo social são uma grande motivação para a iniciação ou continuidade da prática, desde as crianças até os adultos. E essa é uma grande relação que poucos fazem.

Desta forma, até que ponto a Educação Física tem a autonomia de alterar e/ou influenciar nas práticas de atividade física fora do ambiente escolar? Importante entrarmos na história do currículo até os dias atuais, pois encontraremos processos de progresso e retrocesso em sua jornada que contribuem para o acesso ao conhecimento que temos na conjuntura atual.

Ilha e Ivo (2011) trazem a discussão de teorias curriculares em dois momentos: as teorias tradicionais de currículo, de antes do século XX, e as teorias críticas e pós-críticas do currículo depois do século XX. Segundo os autores, o primeiro momento trata o currículo como neutro, científico e objetivo. Já o segundo momento percebe no currículo uma relação de poder e uma conexão entre o saber, a identidade e o poder.

Então, vê-se, a partir do século XX, uma preocupação em analisar as propostas curriculares, uma vez que a escola é vista como um local de reprodução da estrutura social, e o currículo até então auxiliaria na relação de poder entre o grupo opressor e o oprimido, aumentando a transmissão da ideologia dominante. A partir daí, o currículo é dado como “[...] reflexo de uma ação política permeada por oposições e resistências.” (ILHA e IVO, 2011, p. 24).

Portanto, o currículo é um conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos (saberes, competências, representações, tendências, valores) a serem transmitidos (de forma explícita ou implícita) através das práticas educativas. Ele constitui-se como um processo historicamente condicionado com a capacidade de incidir sobre a sociedade, configurando-se em um campo que interagem práticas e ideias reciprocamente.

Se o currículo incide sobre a sociedade e a escola torna-se uma reprodutora do mundo, caímos no ponto que a escola faz parte da ambientação do indivíduo a caminho de ser um cidadão ativo na sociedade. Para tanto, a Educação Física faz-se tão necessária quanto demais disciplinas do currículo. Como já dito, os hábitos criados desde a infância possibilitam ao adulto uma continuidade.

Tanto Costa et al. (2012), quanto Soares e Hallal (2015) discorrem sobre a importância de intervenções no ambiente escolar na elevação dos níveis de atividade física dentro e fora do ambiente escolar. Visto que as crianças passam boa parte da semana na escola e os processos de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física pode contribuir para que elas adquiram gosto num estilo de vida ativo e saudável no contexto extraescolar.

Mas há um atenuante nessa relação junto ao currículo, segundo Costa et al (2012, p. 19):

Apesar deste reconhecido potencial, assistimos hoje a uma desvalorização desta disciplina curricular no contexto da escola. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, apenas 49% dos escolares do 9º ano frequentaram aulas de Educação Física duas vezes ou mais nos setes dias anteriores, enquanto que, por outro lado, 20% relataram não ter tido nenhuma aula. Tal realidade parece ocorrer em muitos países, e está intimamente relacionada à redução do tempo curricular da Educação Física em detrimento do aumento de outras atividades e disciplinas voltadas para o rendimento acadêmico.

O estudo de Soares e Hallal (2015, p. 595) reafirma

Capitais nas quais a Educação Física acontece de forma mais regular possuem jovens mais ativos, levando em consideração não somente o espaço escolar, mas também as atividades realizadas fora da escola. Esse achado permite inferir que a Educação Física, mais do que propiciar alguns minutos semanais de prática de atividade física na escola, estimula os alunos a engajarem-se em comportamentos mais ativos fora do ambiente escolar.

As aulas de Educação Física já não atingem os minutos e intensidade suficiente que as crianças e adolescentes devem ter para não serem sedentárias, ainda há a diminuição da quantidade de aulas nas escolas, o que diminui a potencialidade da escola como promotora de saúde não somente para os estudantes, “mas também potencialmente para seus familiares, para os trabalhadores da escola e para a comunidade em que está inserida.” (COSTA et al, 2012, p. 20). Dessa forma, entendemos que a Educação Física na escola pode ter o poder de contribuir substancialmente com experiências e conhecimentos relacionados à atividade física dentro e fora da escola.

Outro ponto a ser contemplado é a associação do aumento do sedentarismo com a modernização congruente ao fenômeno de urbanização. Costa et al (2012) traz esse diálogo, a começar pelo estilo de vida relativamente recente da população brasileira. Por volta dos anos 40, 70% da população brasileira era composta pela população rural. Esse número diminuiu para 20% nos anos 2000. O crescimento da economia, das indústrias, o maquinário, diminuiu bastante o esforço físico do homem no trabalho, então o gasto energético dessas pessoas diminuiu também. Outra situação foi a criação e adesão cada vez maior de veículos motorizados. Se antigamente as pessoas precisavam caminhar ou usar uma bicicleta, por exemplo, para ir a algum lugar, hoje as pessoas utilizam carros, motos, ônibus, mesmo que seja para caminhos possíveis a serem contemplados a pé.

Segundo dados do Departamento Nacional de Trânsito, em 1998 havia cerca de 17 milhões de automóveis registrados no Brasil comparados a quase 35 milhões no ano de 2009, um aumento de 100% em pouco mais de 10 anos. Um crescimento ainda

maior ocorreu com a frota de motocicletas, que no mesmo período aumentou em seis vezes (COSTA et al., 2012, p. 16).

A utilização em massa de veículos motorizados não é apenas pelo conforto na hora do deslocamento, mas também devido ao aumento da violência nas áreas urbanas. Há alguns anos era comum as crianças irem para a escola a pé, sem a preocupação com sua integridade física. Na conjuntura atual, tomar uma rota a pé em qualquer circunstância e em qualquer idade te deixa mais vulnerável a violência nas ruas. Ainda sobre os avanços tecnológicos, temos também uma diminuição de esforço nas tarefas domésticas com a criação de máquinas específicas para alguns serviços como lavar roupas, lavar louças, encerrar a casa, entre outros. Em tudo isso, a Educação Física como área da saúde pode intervir de alguma forma. Inclusive na escola, onde a educação entra em domínios abrangentes de funções sociais.

Neste contexto podemos confirmar a importância das práticas corporais de movimento ou elementos da Cultura Corporal, na formação e cuidados com o indivíduo, sua composição, suas habilidades, sua aprendizagem e repertório motor, bem como, sua saúde.

Assim, não importa se no contexto da Educação Básica, Ensino Médio ou Formação Superior em Educação Física, as experiências com as práticas geram inúmeros benefícios a formação humana, conforme descrição anterior.

CAPÍTULO II

Aspectos metodológicos da pesquisa

Metodologia

Como o objetivo geral do trabalho pauta-se na identificação e investigação da influência das aulas de Educação Física no contexto da promoção de saúde, na intenção de chegar à criação de hábitos saudáveis desde a infância, optaremos pela metodologia positivista.

A filosofia positivista é uma derivação do pensamento iluminista, tão defendida por Auguste Comte que até foi considerado o fundador do positivismo. Temos nesta metodologia a objetividade da ciência, mediante a possibilidade de avaliação de fenômenos de base empírica sólida para o conhecimento científico (MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999).

De acordo com Silvino (2007), os caminhos possíveis para alcançar o conhecimento são, a observação, o experimento (altera o nexos normal dos acontecimentos) e o método comparativo (estuda as analogias e as diferenças entre as diversas sociedades e os seus estados de desenvolvimento), elementos estes que fazem parte da construção metodológica deste estudo.

Neste contexto, essa linha de estudo é expositiva e para chegar na constatação dos fatos a partir da avaliação dos fenômenos e realizar o objetivo central da pesquisa, utilizaremos a abordagem quantitativa, investigando e mensurando a realidade investigada. Para tanto, no que se caracteriza ao trato do objeto, utilizaremos a pesquisa de campo, que de acordo com Severino (2007) é um tipo de coleta onde o objeto não carece de deslocamento ou manipulação, mas é abordado em seu estado natural, em condições naturais, sendo diretamente observados pelo pesquisador.

Como o objetivo de alcançar respostas para o problema investigativo, foi levantado informações através da pesquisa exploratória, que foram analisadas e tratadas segundo análise dos fenômenos em suas causas pela pesquisa explicativa (SEVERINO, 2007).

Desta forma, foi utilizado como instrumento de pesquisa, um questionário elaborado exclusivamente para o estudo, composto por 17 questões. O questionário foi aplicado em Plataforma Digital – Google Forms, que através de link, foi disponibilizado para o maior

número de indivíduos que atendessem aos critérios de inclusão: ser adultos (18 anos ou mais) e que já tivessem concluído o Ensino Médio, além de aceitar colaborar com o estudo aqui descrito.

Para o processo de coleta de todos, foi disponibilizado um Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, que se constituía no primeiro item do Questionário, que através do registro de ciente ou não ciente, declarava o aceite em colaborar com o estudo, atendendo parte das Normas da Resolução 510/2016 – Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos em Ciências Humanas e Sociais.

O questionário foi divulgado e aplicado de forma *online* através de grupos no aplicativo *Whatsapp* e rede sociais como *Twitter* e *Instagram*, pela conjuntura atual que vivemos. Como já descrito, devido à COVID-19, faz-se necessário o distanciamento social a fim de evitar o contágio.

Após um período de dois meses, se atingiu um total de 20 pesquisados, que atenderiam os critérios já citados e que estavam ligados a formação acadêmica em Educação, bem como, pessoas fora da comunidade escolar, quanto por profissionais já formados ou em formação, quer seja em Educação Física ou em outras áreas. Caso houvesse alguma resposta onde o indivíduo não tivesse concluído o Ensino Médio, essa resposta seria desconsiderada.

O questionário deixou de lado informações consideradas não pertinentes para a pesquisa em questão, como gênero e sexualidade, focando mais na idade e participação dos entrevistados nas aulas de Educação Física na escola.

Os dados após coletados, foram tratados e analisados segundo Estatística Descritiva através de médias e percentuais e expressas na forma de tabelas e gráficos sintéticos.

CAPÍTULO III

Pesquisa, Dados gráficos e Análises

A seguir, faremos algumas análises de acordo com a pesquisa e os dados que obtivemos da mesma. A intenção era fazer a pesquisa o mais simples e objetiva possível, abrindo um espaço para justificativas subjetivas, caso fosse da vontade do entrevistado externalizar suas opiniões.

Desta feita, obtivemos uma amostra de 20 pessoas com idade entre 18 e 49 anos.

Tabela 1 – Perfil de idade da Amostra

Variável	Média	Mín/Máx	DP
Idade	26,55	18/49	8,9

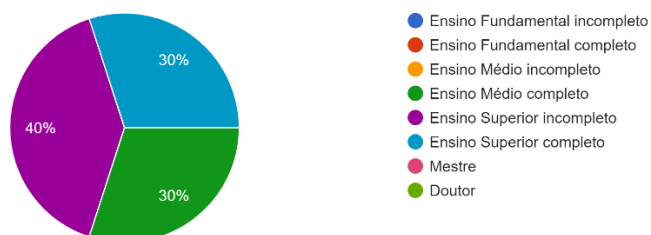
Fonte: Questionário TCC.

Como podemos observar através da Tabela 1, que a amostra foi constituída de 18 a 49 anos, tendo como média 26,55 anos e o Desvio Padrão de 8,9.

Outra questão relevante na amostra é a escolaridade dos entrevistados. O Gráfico 1, a seguir, mostra que o pré-requisito base foi atingido, com 100% dos entrevistados tendo concluído o ensino médio, sendo que a maioria (70%) estão concluindo ou já concluíram o Ensino Superior.

Gráfico 1 – Escolaridade da Amostra

Escolaridade
20 respostas



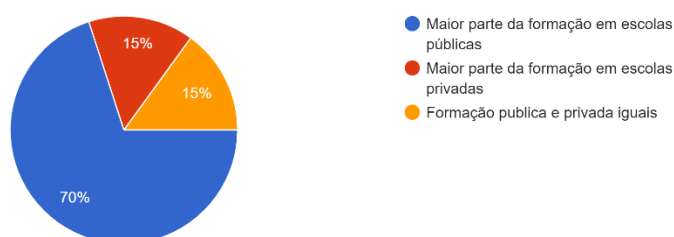
Fonte: Questionário TCC.

Entre os graduados e graduandos, tivemos uma diversidade quanto aos cursos feitos, tendo tanto profissionais de Educação Física como também em Pedagogia, Gestão Ambiental, Marketing, Logística e Publicidade e Propaganda.

Sobre a escolaridade básica, 70% dos entrevistados afirmaram que tiveram a maior parte da formação em escolas públicas. Segue o gráfico:

Gráfico 2 – Formação pública ou privada

Sobre sua escolaridade, você estuda/estudou:
20 respostas

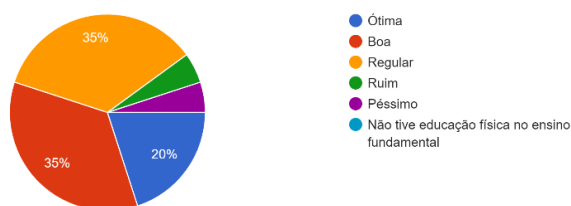


Fonte: Questionário TCC.

As questões a seguir, sobre a qualidade das aulas de Educação Física na escola, dividimos em duas questões: as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e aulas de Educação Física no Ensino Médio, podendo ser avaliadas em 5 graus: ótima; boa; regular; ruim; e péssimo. A opção “Não tive Educação Física no Ensino Fundamental” não foi escolhida por nenhum dos entrevistados e apenas 1 dos entrevistados afirmou que “não teve Educação Física no Ensino Médio”. Analisando de forma geral, a grande maioria dos entrevistados considerou as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio como sendo de boa a regular. Houve uma oscilação quanto as aulas entre os ensinos Fundamental e Médio, sendo que houve uma queda na consideração das aulas como “ótimas”, “regular” e “ruim”, enquanto houve um aumento na consideração das aulas como “boa” e “péssimo”, de acordo com as respostas, no que diz respeito a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio. Sendo assim, os gráficos 3 e 4 ficaram desta forma:

Gráfico 3 – Relação da Educação Física no Ensino Fundamental

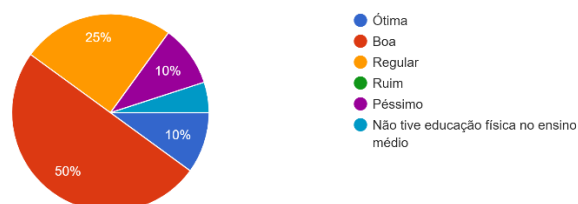
Sobre a disciplina de Educação Física na sua escola no Ensino Fundamental, você considera que as aulas foram:
20 respostas



Fonte: Questionário TCC.

Gráfico 4 - Relação da Educação Física no Ensino Médio

Sobre a disciplina de Educação Física na sua escola no Ensino Médio, você considera que as aulas foram:
20 respostas

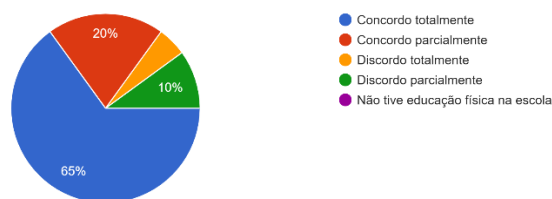


Fonte: Questionário TCC.

Sobre a participação dos entrevistados nas aulas de Educação Física, tivemos um bom indicativo através das respostas obtidas, que foram avaliados através de 4 graus: concordo totalmente; concordo parcialmente; discordo totalmente; e discordo parcialmente. A opção “Não tive educação física na escola” não foi escolhida por nenhum dos entrevistados. Desta forma, 13 dos 20 entrevistados afirmaram que concordavam totalmente quanto a ser participativo nas aulas de Educação Física, contabilizando 65% dos entrevistados, sendo a grande maioria. Apenas 1 dos 20 entrevistados discordou totalmente quanto a ser participativo nas aulas, contabilizando 5% dos entrevistados, de acordo com o gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Relação Educação Física e Escola

Sobre a disciplina de Educação Física na sua escola (final do Ensino Fundamental e Ensino Médio) você se considera/considerava participativo nas aulas?
20 respostas



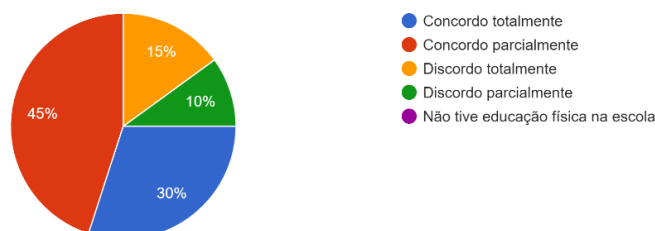
Fonte: Questionário TCC.

Dos 20 entrevistados, 17 quiseram deixar uma justificativa quanto à sua participação nas aulas de Educação Física na escola, e dentre elas houve algumas que chamaram a atenção. A maioria disse que gostavam da disciplina e, por isso, era bom participar, e estavam “abertos e receptivos” para aprender mais. Porém, também obtivemos respostas negativas quanto à disciplina. Um dos entrevistados alegou não se recordar das aulas de EF, outro disse que gostava de praticar qualquer esporte, menos futebol, por “não saber jogar e ainda já ter apanhado durante os jogos”. Ainda tivemos um entrevistado que afirmou as aulas de EF em sua escola eram só para “passar o tempo” e infelizmente foram “poucos os momentos que lecionavam ao pé da letra”. Outro entrevistado disse que evitava participar das aulas por vergonha de não ter tanta prática com esportes, e ainda obtivemos uma resposta onde o entrevistado participava das aulas de EF, mas considerava o conteúdo “insignificante”.

Quando questionados sobre o professor/professora de EF quanto à criatividade, compreensão do conteúdo e didática de ensino, o gráfico ficou da seguinte forma, mostrando que a maioria concorda totalmente ou parcialmente da afirmação:

Gráfico 6 – Relação do Professor(a) de Educação Física Escolar

Sobre o professor/professora de Educação Física na sua escola (final do Ensino Fundamental e Ensino Médio), você o/a considera/considerava didático(a), criativo(a), compreendia o conteúdo?
20 respostas



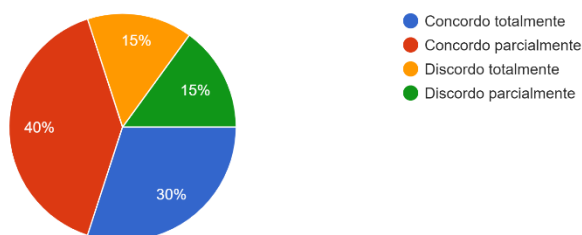
Fonte: Questionário TCC.

Essa questão também deixava uma oportunidade ao entrevistado de justificar sua afirmação. Apesar da maioria concordar com a afirmação anterior, as justificativas deixaram uma abertura quanto ao que realmente acontecia nas aulas de EF. Um dos entrevistados acredita que a sua falta de lembrança das aulas de EF na escola se deve a nenhum professor da disciplina tê-lo marcado positivamente. Outros justificaram que o “rola bola” era muito presente, que não havia um desenvolvimento convincente do que era a Educação Física, que as aulas eram “engessadas” e ficavam presas em modalidades de quadra, mesmo a escola tendo estrutura para o desenvolvimento de outras modalidades. Tivemos até mesmo um entrevistado que justificou que só teve aulas de EF no Ensino Médio, pois no Ensino Fundamental o “horário reservado não tinha aula propriamente dita”. Apesar de muitas justificativas negativas, tivemos justificativas positivas, que afirmam que o professor tinha o cuidado de falar a língua do estudante e “não os colocava em situações de maior complexidade”, que tinha o cuidado de apresentar esportes e proporcionar vivências dentro dos limites da escola pública, e até um dos entrevistados disse que seus professores de EF no Ensino Médio foram responsáveis pela aproximação do mesmo com a área, tanto que hoje ele está quase se formando em Educação Física para seguir a profissão.

Quanto ao espaço e materiais para as aulas de Educação Física, 3 entrevistados discordaram totalmente e 3 discordaram parcialmente, sendo estes 30% da amostra. 8 entrevistados concordaram parcialmente da afirmativa e 6 concordaram totalmente, considerados, portanto, como a maioria, contabilizando 70% dos entrevistados, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 7 – Relação espaços e materiais nas aulas de Educação Física

Sobre a escola onde estudou (final do Ensino Fundamental e Ensino Médio), havia espaço e materiais para as aulas de Educação Física:
20 respostas



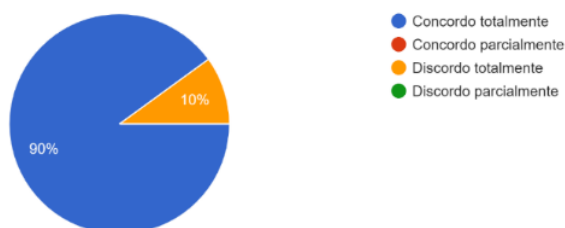
Fonte: Questionário TCC.

Na área de justificativas, encontramos relatos que diziam que os professores que compravam os materiais, que havia o espaço, mas não havia materiais suficientes. Dos 20 entrevistados, 14 optaram por expor essas informações, sendo que apenas 4 afirmaram que a escola onde estudaram tinha espaço e materiais devidos para a prática da disciplina de Educação Física.

Quando questionados quanto a importância da Educação Física como componente curricular durante a escolarização, apenas 2 dos entrevistados discordaram da afirmação. Porém, na parte da justificativa das respostas, os 20 entrevistados quiseram dar sua opinião e, neste momento, todos concordaram com a questão. Tivemos até algumas pessoas que relataram que a EF foi responsável pela permanência nas práticas, pois permite conhecê-las e que a EF não é só esporte, mas também é “orientação e saúde”. Também houveram relatos que a EF é capaz de incentivar um estilo de vida mais saudável, e que, através dela, há o contato com as “manifestações da cultura de movimento, para poder compreendê-las e poder praticá-las fora da escola.”

Gráfico 8 – Educação Física como componente curricular indispensável

Você acredita que a Educação Física é um componente curricular indispensável durante a escolarização do indivíduo:
20 respostas

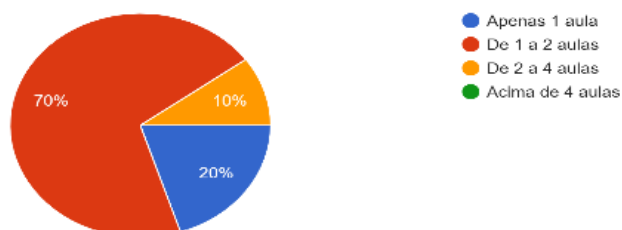


Fonte: Questionário TCC.

Quanto à quantidade de aulas de EF na escola por semana, os entrevistados tinham 4 opções: apenas 1 aula; de 1 a 2 aulas; de 2 a 4 aulas; e acima de 4 aulas. 14 dos 20 entrevistados afirmaram que tiveram de 1 a 2 aulas por semana (70%), 2 tiveram de 2 a 4 aulas (10%) e 4 tiveram apenas 1 aula por semana (20%). A opção “acima de 4 aulas” não foi escolhida por nenhum dos entrevistados.

Gráfico 9 – Frequência de aulas no Ensino Fundamental e Médio

Quantas aulas de Educação Física você tinha por semana nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio?
20 respostas



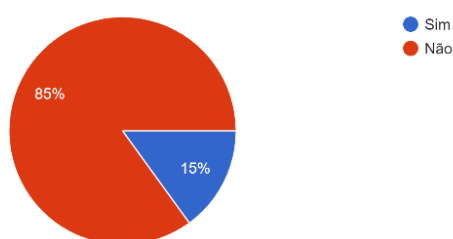
Fonte: Questionário TCC.

Através deste gráfico e dessa questão, podemos identificar que a Educação Física, como componente curricular na escola, não consegue abranger os 300 minutos semanais necessários para que o indivíduo seja fisicamente ativo. Desta forma, é necessário que ele complemente suas atividades fora do ambiente escolar.

Quanto a possibilidade de fazer a EF no contraturno, nos deparamos com os seguintes dados, de acordo com o gráfico a seguir:

Gráfico 10 – Educação Física no contraturno

Na escola, suas aulas de Educação Física eram no contraturno (se estudava de manhã, a Educação Física era a tarde. Se estudava de tarde, a Educação Física era pela manhã).
20 respostas



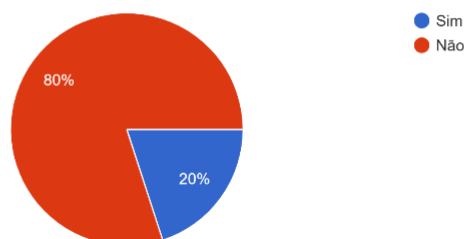
Fonte: Questionário TCC.

Quanto à possibilidade de aulas extracurriculares no lugar da disciplina de EF, tivemos uma resposta positiva, com apenas 4 dos 20 entrevistados afirmando que poderiam fazer outras atividades no lugar da EF.

Gráfico 11 – Substituição da Educação Física como atividades extracurriculares

Nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, era possível fazer atividades extracurriculares no lugar da disciplina de Educação Física?

20 respostas



Fonte: Questionário TCC.

Sobre as situações vividas na disciplina de EF na escola, os entrevistados podiam marcar quantas possibilidades quisessem, sendo que as opções e escolhas ficaram de acordo com a tabela e gráfico a seguir:

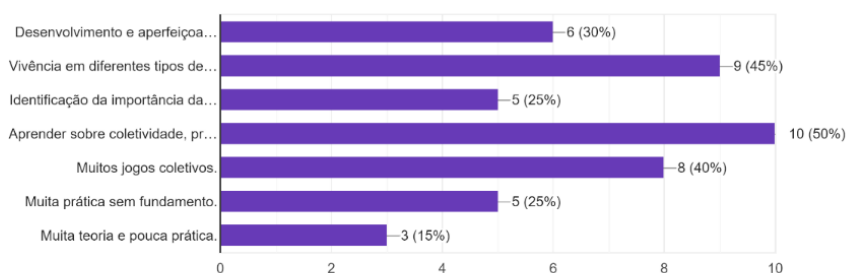
Tabela 2 - Situações vivenciadas nas aulas de Educação Física

Opções	% (N)
Desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades motoras e técnicas.	13% (6)
Vivência em diferentes tipos de esportes.	19,6% (9)
Identificação da importância da saúde e bem-estar.	10,9% (5)
Aprender sobre coletividade, proatividade e trabalho em equipe.	21,7% (10)
Muitos jogos coletivos.	17,4% (8)
Muita prática sem fundamento.	10,9% (5)
Muita teoria e pouca prática.	6,5% (3)

Gráfico 12 – Características que marcam a experiência da Educação Física

Sobre a disciplina de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, marque as situações que mais ficaram evidentes nas aulas:

20 respostas



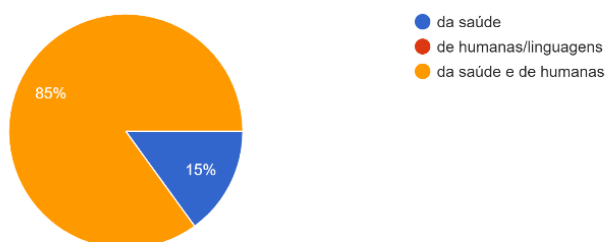
Fonte: Questionário TCC.

Caso houvesse outras situações vividas, os entrevistados poderiam descrevê-las. A única situação descrita diferente daquelas citadas na questão foram as lutas.

Outra questão importante é se os entrevistados acreditavam que a EF deveria continuar sendo vista como componente curricular da área de humanas, da área da saúde ou de ambas. Essa questão foi levantada, pois, de acordo com a BNCC, a Educação Física é um componente da área de humanas. Mas, de acordo com as respostas dos entrevistados, a disciplina deveria ser vista ou apenas como área da saúde (15%) ou como área de humanas e saúde (85%).

Gráfico 13 – Impressão da Educação Física no contexto escolar

Você acredita que a Educação Física deveria continuar sendo vista na escola como componente da área:
20 respostas



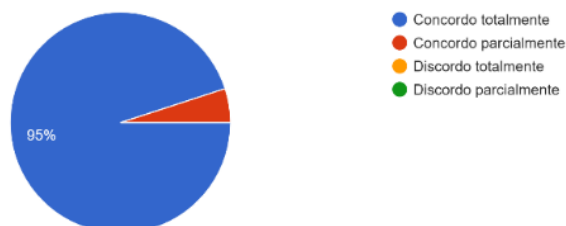
Fonte: Questionário TCC.

Entre as justificativas, a interdisciplinaridade da Educação Física com outras áreas foi uma questão levantada, afirmando que é possível que a EF vá além da apresentação de esportes e que, desta forma, os alunos poderiam compreender melhor a importância da prática de atividade física.

Quanto à possibilidade de a Educação Física ser uma porta para apresentar uma vida mais saudável a crianças e adolescentes, apenas 1 dos entrevistados (5%) concordou parcialmente da afirmação, enquanto os outros 19 (95%) concordaram totalmente. Aqui podemos identificar que, apesar de as relações com a Educação Física não terem sido tão boas para alguns dos entrevistados, eles ainda concordam que, se a EF for contemplada de forma a apresentar boas vivências para as crianças e adolescentes, estes quererão participar de atividades também fora da escola, tornando-se, então, jovens e adultos fisicamente ativos.

Gráfico 14 – Relação da Educação Física como saúde e prevenção ao sedentarismo

Você acredita que a Educação Física na escola é uma porta para tirar as crianças e adolescentes do sedentarismo e leva-las a ter mais saúde na fase adulta?
20 respostas

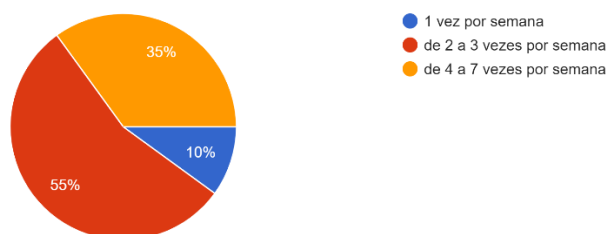


Fonte: Questionário TCC.

Quanto a frequência da prática de exercícios físicos por parte dos entrevistados, 7 (35%) apontaram que praticam de 4 a 7 vezes na semana, 11 (55%) praticam de 2 a 3 vezes na semana e apenas 2 (10%) praticam apenas uma vez na semana. De acordo com a pesquisa, tivemos uma quantidade considerável dos entrevistados que chegam à marca necessária para se tornar um indivíduo fisicamente ativo, de acordo com a OMS, que é pelo menos 1h por dia, por 3 vezes na semana, contabilizando 300 minutos de atividade por semana.

Gráfico 15 – Frequência da prática de Exercício Físico

Atualmente, qual a frequência com que pratica exercícios físicos?
20 respostas



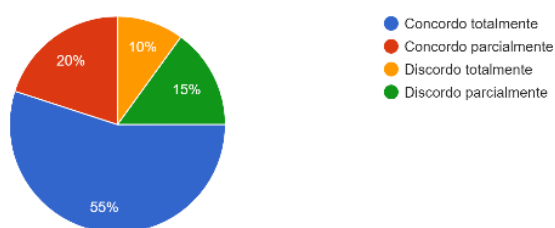
Fonte: Questionário TCC.

Por fim, a última questão abordada na pesquisa questiona se a Educação Física na escola colaborou para tornar o entrevistado fisicamente ativo atualmente. 11 dos 20 entrevistados (55%), ou seja, a maioria, concordou totalmente quanto à afirmação. Na justificativa, destes entrevistados que concordaram totalmente, encontramos relatos que foi através da Educação Física que houve uma certa imersão no esporte e criando o interesse com

outros tipos de práticas corporais. 2 dos entrevistados (10%) discordaram totalmente da afirmação, e encontramos na justificativa de um destes a afirmação que a sua vergonha por participar da aula de EF não colaborou para que ele fosse influenciado. 3 dos entrevistados (15%) discordou parcialmente da afirmativa, enquanto outros 4 (20%) concordaram parcialmente. Ambos não deixaram justificativa para a afirmação.

Gráfico 16 – Relação Educação Física Escolar e indivíduo fisicamente ativo

Você concorda que a Educação Física na escola te tornou um individuo fisicamente ativo atualmente?
20 respostas



Fonte: Questionário TCC.

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, através deste trabalho, dos artigos apresentados e a pesquisa feita, que a Educação Física pode ser um instrumento para a iniciação ou continuidade da prática além do ambiente escolar, desde que seja feita de uma forma sistematizada, que consiga inserir o aluno e mostrar a ele as diversidades das práticas corporais e abrir o leque para que os indivíduos possam se encontrar em algum tipo de prática. Pois, como diz o estudo apresentado, se não houver identificação do indivíduo com a atividade física selecionada, a possibilidade de não haver a continuidade é pequena e o caminho para o sedentarismo fica aberto.

Portanto, é importante também incluir na Educação Física escolar os princípios da promoção da saúde e os riscos quanto as doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), que são a diabetes, hipertensão, obesidade, entre outras.

Apesar das respostas positivas que obtivemos nos questionários, as respostas negativas deixaram a preocupação. Podemos inferir também que o descaso com materiais para a prática nas escolas, a pouca preocupação com criatividade e domínio do conteúdo pelos professores, a quantidade rasa de atividades expostas e a baixa identificação de alguns alunos com a disciplina pode ser um ponto negativo para a Educação Física ser a base na construção de hábitos saudáveis na fase adulta.

As conclusões deste trabalho podem ser consideradas provisórias. Por ser um tema tão abrangente, para se chegar a uma conclusão de fato sobre o tema, faz-se necessário mais alguns anos de estudo, pois é importante chegar à cerne do problema desde a estrutura da Educação Física, desde as suas raízes, até o momento atual em que ela vive.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Resolução CNS nº. 218, de 6 de março de 1997.

COSTA, Filipe Ferreira da et al. A Educação Física no Brasil em transição: perspectivas para a promoção da atividade física. **Revista Brasileira Atividade Física e Saúde**. Pelotas/RS, v.17, n.1, p. 14-21, 2012.

GARCIA, Leandro M. T.; FLORINDO, Alex A. **Epidemiologia da Atividade Física**. In: CARDOSO, Marli Augusto. *Nutrição em Saúde Coletiva*. Ed. 1, 2014.

HALLAL, Pedro Curi et al. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: revisão sistemática. **Revista Saúde Pública**. Pelotas/RS, v.41, n.3, p.453- 60, 2007.

ILHA, Francieli Roos da Silva; IVO, Andressa Aita. **As teorias curriculares da educação e o currículo da Educação Física. Atividade Física, Lazer e Qualidade de Vida: R. Educação Física**. Manaus/AM, v.2, n.2, p. 21-33, jul/dez, 2011.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1990.

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências e Esporte**. v. 3, n. 40, p. 215-223, 2018.

RAMIRES, Virgílio Viana et al. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física e comportamento sedentário no Brasil: atualização de uma revisão sistemática. **Revista Brasileira Atividade Física e Saúde**. Pelotas/RS, v.19, n. 5, p. 529-547, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. Ed. 23. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVINO, Alexandre Magno Dias. Epistemologia Positivista: Qual a Sua Influência Hoje? **Rev. Psicologia Ciencia e Profissão**. v. 27, n. 2, p. 276-289, 2007.

SOARES, Carlos Alex M.; HALLAL, Pedro Curi. Interdependência entre a participação em aulas de Educação Física e níveis de atividade física de jovens brasileiros: estudo ecológico. **Revista Brasileira Atividade Física e Saúde**. Pelotas/RS. v.20, n.6, p. 588-597, 2015.